

Nora Roberts

escrevendo como

J.D.
ROBB



Corrupção

MORTAL



BERTRAND BRASIL

J. D. ROBB

SÉRIE MORTAL

Nudez Mortal

Glória Mortal

Eternidade Mortal

Êxtase Mortal

Cerimônia Mortal

Vingança Mortal

Natal Mortal

Conspiração Mortal

Lealdade Mortal

Testemunha Mortal

Julgamento Mortal

Traição Mortal

Sedução Mortal

Reencontro Mortal

Pureza Mortal

Retrato Mortal

Imitação Mortal

Dilema Mortal

Visão Mortal

Sobrevivência Mortal

Origem Mortal

Recordação Mortal

Nascimento Mortal

Inocência Mortal

Criação Mortal

Estranheza Mortal

Salvação Mortal

Promessa Mortal

Ligação Mortal

Fantasia Mortal

Prazer Mortal

Corrupção Mortal

Nora Roberts

escrevendo como

J. D. ROBB

CORRUPÇÃO
MORTAL

Tradução
Renato Motta

1ª edição

B
BERTRAND BRASIL
Rio de Janeiro | 2020

EDITORA-EXECUTIVA
Renata Pettengill
SUBGERENTE EDITORIAL
Marcelo Vieira
ASSISTENTE EDITORIAL
Samuel Lima
ESTAGIÁRIA
Georgia Kallenbach

CAPA
Leonardo Carvalho
DIAGRAMAÇÃO
Beatriz Carvalho
Ricardo Pinto
TÍTULO ORIGINAL
Treachery in Death

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R545c Robb, J. D., 1950-
Corrupção mortal [recurso eletrônico] / Nora Roberts escrevendo como J. D. Robb ; tradução Renato Motta. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2020.
recurso digital
Tradução de: Treachery in death
Sequência de: Prazer mortal
Continua com: Viagem mortal
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5838-011-5 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Motta, Renato. II. Título.
20-66429

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Copyright © 2011 by Nora Roberts
Proibida a exportação para Portugal, Angola e Moçambique.
Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
2020
Produzido no Brasil

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Na natureza do homem não existe
determinação totalmente
estabelecida e completa, seja para
o bem ou para o mal, a não ser no
momento da execução do ato.

— NANTHANIEL HAWTHORNE

Alimentando sua ira, ela a mantinha viva.

— ROBERT BURNS

Sumário

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três

Capítulo Um

O velho estava morto sobre uma pilha de barras de chocolate e pacotes de chiclete. Garrafas de refrigerante rachadas — entre latas de energéticos e isotônicos — pingavam lentamente seu conteúdo dentro do vidro quebrado do refrigerador, formando rios coloridos pelo piso. Embalagens rasgadas de salgadinhos de soja se espalhavam por todo o chão da loja de conveniência, pisados até virarem uma polpa.

Na parede atrás do balcão havia uma foto emoldurada; exibia uma versão muito mais jovem do homem morto ao lado de uma mulher que Eve imaginou ser a viúva. Eles estavam em pé, de braços dados, junto à porta da frente da loja. Seus rostos cintilavam de orgulho e alegria diante de todas as possibilidades do futuro.

Só que o futuro daquele homem jovem e feliz da foto havia terminado naquele dia em uma poça de sangue e salgadinhos.

Em pé, cercada de morte e destruição, a tenente Eve Dallas analisava o corpo enquanto o primeiro policial que chegara à cena do crime lhe transmitia os fatos.

— O nome da vítima é Charlie Ochi. Ele e a esposa administram esse mercadinho há quase cinquenta anos.

O músculo que latejava em sua mandíbula mostrou a Eve que o policial conhecia a vítima.

— A sra. Ochi está nos fundos da loja, recebendo atendimento médico. — A mandíbula pareceu latejar mais uma vez. — Eles ainda bateram muito nela depois de assaltarem a loja.

— Eles?

— Foram três, segundo o depoimento dela. Três homens de vinte e poucos anos. Ela os descreveu como um branco, um negro e um oriental. Eles já tinham vindo aqui antes, mas fugiram depois de praticarem um pequeno furto na loja. Dessa vez trouxeram uma espécie de dispositivo caseiro. Foi com isso que eles desligaram a câmera de segurança da loja.

Ele ergueu o queixo em direção à câmera.

— A sra. Ochi declarou que eles estavam muito drogados e riam como hienas enquanto enfiavam as barras de chocolate nos bolsos. Bateram nela com uma espécie de taco quando ela tentou detê-los. Quando o velho saiu lá de dentro eles também bateram nele, mas a vítima reagiu. Um deles pressionou o aparelho contra o peito dele. A sra. Ochi disse que nesse instante ele caiu para trás, duro como uma pedra. Eles pegaram um monte de merda... doces, batatas fritas, coisas desse tipo... e riam o tempo todo enquanto destruíam o estabelecimento. Fugiram logo em seguida.

— Ela ofereceu uma descrição deles?

— Sim, uma descrição perfeita. Melhor ainda, temos uma testemunha que reconheceu um deles: Bruster Lowe, conhecido pelo apelido de Skid. Yuri Drew é o nome da testemunha. Estamos com ele ali fora. Foi ele quem chamou a polícia. Disse que eles seguiram para o sul, a pé.

— Ok, aguarde aqui, policial. — Eve se virou para a sua parceira e perguntou: — Como você vai querer lidar com este caso? — Quando Peabody piscou seus olhos escuros, Eve lhe comunicou: — Você será a investigadora principal deste assassinato. Qual é a sua primeira providência?

— Ok. — O distintivo de Peabody não era exatamente novo, mas ainda mantinha o brilho original. Eve a deixou refletir por alguns instantes, para organizar os pensamentos.

— Vamos investigar Lowe, descobrir seu endereço e verificar se ele tem antecedentes criminais. Pode ser que seus comparsas também tenham. Precisamos levantar a descrição dos três o quanto antes e acrescentar os nomes *se* e *quando* os pegarmos. Quero que esses idiotas sejam presos o mais rápido possível.

Eve reparou sua ex-assistente e atual parceira ganhar mais confiança à medida que falava.

— Precisamos chamar os peritos. Provavelmente esses idiotas deixaram impressões digitais e vestígios por toda parte. Vamos ver o que temos nas gravações do sistema de segurança, antes de eles o desligarem, e deixamos o resto para os detetives eletrônicos.

Peabody, com o cabelo escuro puxado para trás num rabo de cavalo curto e saltitante que revelava o seu rosto quadrado, olhou para o corpo.

— É melhor eu calcular a hora exata da morte e confirmar a identidade da vítima.

— Deixe isso comigo — avisou Eve, e Peabody piscou mais depressa.

— Sério?

— Você é a investigadora principal. — Agachada, Eve leu a tela do seu tablet — Bruster Lowe, também conhecido como Skid. Homem branco de 23 anos. Não temos o seu endereço atual. Da última vez que foi visto estava na Avenida B, na casa da mãe. Tem uma longa ficha criminal e os antecedentes juvenis foram protegidos. Posse de drogas ilegais, danos ao patrimônio público, pequenos furtos em lojas, destruição de propriedade privada, roubo de veículos, blá-blá-blá.

— Cruze esses dados com os do...

— Já fiz isso. Você não é a única que sabe trabalhar com esse sistema — lembrou Eve. — Pela referência cruzada encontrei os nomes de Leon Slatter, também conhecido como Slash, mestiço, 22 anos; e Jimmy K. Rogan, também conhecido como Smash, negro, 23 anos. São esses os seus conhecidos que têm a maior probabilidade de envolvimento neste crime.

— Excelente. Algum endereço?

— Slatter mora na rua 4 Oeste.

— Ótimo. Policial, anote os dados da tenente. Quero que esses três indivíduos sejam interrogados. Minha parceira e eu ajudaremos na busca quando terminarmos aqui, mas vamos logo com isso.

— Muito bem!

— Eu converso com a testemunha — disse Peabody a Eve. — Você fica com a esposa. Tudo bem se fizermos assim?

— Você é a...

— Investigadora principal, já sei. Obrigada, Dallas.

Era terrível alguém agradecer por um cadáver como se fosse um presente, refletiu Eve, quando se agachou para confirmar a identidade do morto com os seus aparelhos. Mas tudo bem; afinal de contas, elas eram da Divisão de Homicídios.

Passou mais alguns minutos examinando o corpo... os arranhões na têmpora e nos braços. Certamente o legista confirmaria que nenhum daqueles ferimentos tinha sido fatal. Mas o *jammer*, um aparelho que bloqueia sinais de satélite, contra o peito do sr. Ochi provavelmente provocara uma descarga elétrica que resultou numa parada em seu coração de 83 anos.

Ela ficou em pé e deu mais uma olhada no cenário de caos à sua volta. Pelo que viu, os donos cuidavam muito bem da loja. O piso, a janela e o balcão cintilavam sob as bebidas derramadas e os respingos de sangue. Os produtos que não tinham sido quebrados ou esmagados estavam bem arrumados nas prateleiras.

O primeiro policial a atender ao chamado lhe relatara que o casal cuidava daquela loja havia cinquenta anos. Meio século administrando um negócio, prestando um serviço, vivendo uma vida digna, até que três idiotas decidiram destruir tudo por causa de alguns salgadinhos de soja e barras de chocolate, pensou Eve.

Depois de doze anos na polícia, nada do que os seres humanos faziam contra seus semelhantes a surpreendia mais. Só que a indiferença e a violência nesse caso a irritavam.

Foi até os fundos da loja, no pequeno escritório que também funcionava como depósito. O paramédico já guardava o seu equipamento.

— A senhora deveria autorizar que nós a levássemos para um exame mais completo, sra. Ochi.

A mulher negou com a cabeça.

— Meus filhos e netos estão chegando. Vou esperar por eles.

— Depois que eles vierem a senhora precisa ir ao hospital para ser examinada. — O tom suave e cuidadoso do profissional de saúde combinava com a mão que ele colocou gentilmente sobre o braço da velha senhora. — Faça isso, sim? Meus sentimentos.

— Obrigada. — Ela desviou os olhos verdes no rosto escavado pelo tempo e encontrou os de Eve. — Eles mataram Charlie — declarou ela, em voz baixa.

— Sim, senhora. Meus sinceros pêsames. Eu sinto muito.

— Todos sentem. Os três que o mataram também vão sentir e vão se arrepender. Se eu pudesse, faria com que se arrependessem usando minhas próprias mãos.

— Nós cuidaremos disso para você. Sou a tenente Dallas e preciso lhe fazer algumas perguntas.

— Eu conheço você. — A sra. Ochi ergueu uma das mãos e balançou o dedo indicador no ar. — Já vi você na TV, no programa *Now*. Você estava com Nadine Furst. Charlie e eu gostamos de assistir ao programa dela. Planejavamos ler o livro que ela escreveu sobre você.

— Na verdade o livro não é sobre mim. — Mas Eve deixou o assunto de lado porque havia coisas mais importantes para se conversar... e se sentia sem jeito ao falar de si mesma. — Por que não me conta o que aconteceu, sra. Ochi?

— Já contei ao outro policial, mas vou repetir. Eu estava atendendo no balcão e Charlie estava aqui nos fundos quando eles entraram. Já tínhamos dito a eles para não voltarem mais porque eles roubam, quebram coisas, insultam a nós e aos clientes. Eles não prestam, esses três. Bandidos. O garoto branco apontou o aparelho que trouxe para a câmera e o monitor do balcão apagou.

Sua voz entalhava palavra por palavra como uma picareta em pedra, mas seus olhos se mantiveram ferozes e secos. Nada de choro, pensou Eve, pelo menos por enquanto. Só o brilho frio de raiva que apenas uma sobrevivente saberia reconhecer.

— Estavam rindo — continuou a sra. Ochi —, dando tapinhas nas costas uns dos outros, e o rapaz negro disse: “O que você vai fazer agora, sua vaca velha?” e pegou um monte de chocolates. Gritei para eles saírem da minha loja e o outro, o oriental, me agrediu com alguma coisa. Fiquei zonza e tentei correr até os fundos da loja em busca de Charlie, mas ele me bateu de novo e eu caí. Eles continuaram rindo. Estavam drogados — garantiu ela. — Sei como reconhecer um drogado. Charlie veio lá de dentro. Acho que o oriental ia me atacar de novo quando eu estava no chão, mas Charlie deu um soco nele e o derrubou. Tentei me levantar para ajudar na briga, mas...

Sua voz falhou e um pouco da ferocidade deu lugar à culpa.

— A senhora foi ferida, sra. Ochi.

— O rapaz negro bateu em Charlie, mas Charlie não caiu. Ele não é alto nem jovem como aqueles *assassinos*, mas é forte. Sempre foi forte.

Ela respirou fundo e se acalmou um pouco antes de prosseguir.

— Ele revidou. Tentei me levantar e procurei algo para atingi-los. Então o branco disse: “Vá se foder, seu velho” e empurrou o objeto que trazia... um *jammer*, a arma de atordoar, sei lá o que era... contra o peito de Charlie. Bem aqui.

Ela colocou a mão na altura do coração.

— Aquilo emitiu um som, um ruído elétrico... como se fosse um chiado de estática, entende? Continuou estalando e Charlie caiu. Apertou o peito com a mão e disse “Kata”, que é o meu nome. — Os lábios dela estremeceram, mas ela os firmou novamente. — Ele disse “Kata” e caiu. Eu rastejei em direção a Charlie. Eles continuaram rindo e gritando, quebrando coisas, pisando em tudo. Um deles, não sei qual, me chutou aqui do lado antes de todos irem embora.

A sra. Ochi fechou os olhos por um instante.

— Eles fugiram e logo depois... talvez um minuto depois, Yuri entrou. Ele quis ajudar Charlie e tentou reanimar seu coração. Yuri é um bom menino. Seu pai trabalhou para nós há muito tempo. Mas ele não conseguiu ajudar Charlie. Chamou a polícia e uma ambulância, depois pegou gelo no freezer para colocar na minha cabeça. Ficou sentado ali comigo... e com Charlie... até a polícia aparecer.

Ela se inclinou levemente para a frente.

— Eles não são pessoas importantes. Nós também não somos importantes, não somos o tipo de pessoas famosas sobre as quais você conversa com Nadine Furst no *Now*. Mas você não vai deixar que eles escapem sem punição, vai?

— Vocês são importantes para o Departamento de Polícia de Nova York, sra. Ochi. Você e o sr. Ochi são importantes para mim, para minha parceira e para todos os policiais que vão trabalhar neste caso.

— Se você diz, eu acredito.

— Sim, eu lhe garanto. Já estamos procurando por eles e vamos encontrá-los. Ajudaria se eu pudesse levar o seu disco de vigilância. Se eles não interferiram no sinal antes de entrar, nós os veremos na gravação. Também temos a senhora e Yuri como testemunhas. Eles não vão se safar.

— Há dinheiro no caixa. Não muito, nós não temos muito, mas eles não queriam dinheiro. Pegaram chocolates, refrigerantes, batatas fritas. Mas eles também não queriam nada disso. Queriam só depredar, machucar, destruir e matar. O que será que transforma jovens em animais? Você sabe?

— Não, senhora. Eu não sei.

Eve acompanhou quando a família da sra. Ochi a colocou em um carro para levá-la ao hospital — e viu o corpo do sr. Ochi ser posto no rabeção, rumo ao necrotério.

O verão de 2060 havia sido abrasador e a situação não estava com cara de que fosse mudar tão cedo. Ela ficou em pé, no calor, passou a mão pelo seu curto cabelo castanho e desejou uma brisa. Por várias vezes teve de segurar seu impulso para dar ordens a Peabody, orientá-la, dirigi-la, comandá-la.

Peabody era meticulosa e isso era bom, lembrou a si mesma. As fotos dos suspeitos já circulavam e os policiais já tinham começado a interrogar a vizinhança.

Muito depois ela se lembrou dos óculos escuros e ficou levemente surpresa ao encontrá-los no bolso. Colocou-os no rosto e isso ajudou a cortar o brilho que invadia seus olhos cor de uísque. Continuou ali em pé, alta e magra, jaqueta de couro marrom com calça escura e botas arranhadas, até Peabody vir caminhando em sua direção.

— Ninguém em casa nos endereços que temos. A mãe de Bruster disse que não vê o filho há semanas, graças a Deus. Mas um dos vizinhos de Slatter afirma que viu os três saírem juntos hoje de manhã. Contou que todos estão acampados lá há duas semanas.

— Eles são idiotas — concluiu Eve. — Vão voltar para a toca.

— Estou de olho nisso, coloquei dois homens de tocaia. A testemunha, Yuri Drew, atravessava a rua quando os viu sair correndo da loja. Reconheceu Bruster porque já tiveram alguns desentendimentos durante jogos de basquete nas quadras que ficam não muito longe daqui, e estava na loja uma vez quando nossa vítima os expulsou. Reconheceu os três, mas só sabia o nome de Bruster. O pobre rapaz perdeu a voz duas vezes enquanto me dava sua declaração — informou Peabody — O pai dele já...

— Trabalhou na loja — completou Eve. — Eu já soube.

— Ele analisou as fotografias — voltou Peabody. — Mostrei algumas fotos misturadas para ele no tablet e ele apontou os três sem hesitar. Ele não só vai testemunhar contra eles como quer fazer isso. Você me entregou esse caso porque acha que vai ser moleza?

— Quando a gente acha que vai ser moleza acaba chutando a bola para escanteio.

Peabody colocou seus óculos escuros e Eve se viu encarando o próprio reflexo nas lentes espelhadas em tons de arco-íris.

— Como você enxerga o mundo com essas lentes? Tudo fica parecendo um conto de fadas?

— Você não vê o mundo mais colorido, as outras pessoas é que veem um arco-íris. Isso é totalmente mag.

Totalmente inapropriado para uma tira, isso, sim, na opinião de Eve. Mas ela simplesmente deu de ombros.

— O que você pretende fazer agora? — perguntou a Peabody.

— Acho que devemos conversar com a mãe e com os vizinhos, para ver se descobrimos outros amigos que pertençam ao grupo. Mas também poderíamos dar uma volta por aí. Eles estavam doidões, sentiram a larica bater e invadiram a loja. Agora estão conversando sobre o quanto é divertido assaltar um lugar e bater num casal de velhos. Talvez saibam que Ochi está morto, mas pode ser que não.

Pelo menos os óculos não tinham transformado o cérebro de Peabody em um arco-íris, decidiu Eve. Ela raciocinava como uma policial.

— Aposto que não sabem, e são burros o bastante para estarem por aí em busca de mais drogas.

— Descobri vários locais onde costumam se encontrar, através das declarações da testemunha e da mãe. Muitos policiais já estão à procura deles, mas eu acho que...

— Mais duas pessoas na busca vai ser bom, certo? Quem dirige?

— Tá falando sério? — A boca de Peabody se abriu de espanto.

— Você é a investigadora principal do caso.

— Ok, beleza, eu dirijo! — Empolgada, Peabody se sentou no banco do motorista. — Estou louca para fazer isso desde que Roarke te deu este carro. Ele por fora parece uma lata velha, mas... uau, amiga, os acessórios dele são mais que demais ao quadrado.

Era verdade, concordou Eve. Seu marido nunca perdia a chance de surpreendê-la e adorava lhe dar presentes. Um dos primeiros, um diamante em forma de lágrima com o dobro do tamanho do seu polegar, estava pendurado para dentro de sua blusa.

A joia era bonita, requintada e provavelmente valia mais que o PIB de um país subdesenvolvido. Mas se ela tivesse que escolher entre o diamante e a viatura de péssima aparência, o carro venceria sem sombra de dúvida.

— Estou dividida entre procurá-los em um sex club, um salão de gamers, uma pizzaria e uma quadra de basquete pública — anunciou Peabody. — Posso traçar uma rota para que o GPS nos leve a todos esses lugares no mínimo tempo possível.

— Talvez seja um bom plano, só que...

— Só que *o quê*...? Ah, qual é?! Eu sempre dou bons palpites quando você está como investigadora principal.

— Eles se entupiram de porcarias, por que iriam a uma pizzaria para bater papo, ainda mais estando chapados? Um sex club pode ser, caso estejam a fim de transar.

— Só que...? — repetiu Peabody.

— Eles acabaram de bater em dois velhinhos. É pouco provável que desconfiem que mataram um deles. Foi tudo diversão e brincadeira. Eles não levaram dinheiro algum, não roubaram as alianças dos Ochi, nem seus *smartwatches*, nem a carteira do morto.

— E sex clubs não costumam ser baratos — concluiu Peabody. — Um programa custaria uma grana.

— Eles se encheram de porcarias e estão se sentindo muito fodões. Quando você está chapado, se acha o foda e está a fim de se divertir mais, quer bancar o valente, talvez caindo na porrada por aí.

— Sobraram o salão de gamers e a quadra de basquete. Entendi. Vamos tentar esses locais primeiro. Se não os acharmos, seguimos para os outros.

Eve assentiu com ar de aprovação e declarou:

— É um plano melhor. Muito bem.

Peabody digitou os locais no GPS.

— Você realmente acha que eles ainda não sabem que o sr. Ochi está morto?

— Estão chapados, são burros e alcançam um ponto alto na escala de idiotice, mas nenhum deles tem ficha por assassinato. Eles fugiram rindo, achando graça. Se soubessem que tinham matado o velho, era grande a chance de matarem a esposa também, ou ficarem cochichado entre si admitindo o crime. Eles não fizeram nada disso.

Elas entraram no salão de gamers, que estava lotado. *Aqui dentro está mais fresco do que lá fora*, pensou Eve. Mas os sons de sinos, assobios, gritos, rugidos, rajadas e luzes giratórias piscando sem parar a fizeram se perguntar por qual razão alguém iria querer passar uma tarde de verão grudado em uma máquina.

O atendente gorducho e de cara redonda na entrada deu uma olhada nas fotos que lhe foram mostradas.

— Sim, é verdade, eles jogam sempre aqui. Slash atingiu uma pontuação altíssima no *Assassins* alguns dias atrás. O recorde ainda é dele. Pretendo ultrapassar essa pontuação pessoalmente assim que eu tiver chance, porque aquele cara é um idiota.

— Eles apareceram por aqui hoje? — quis saber Peabody.

— Negativo. Eles normalmente vêm à noite. E chegam doidões, quando conseguem alguma coisa. — Ele deu de ombros. — Por quê?

— Precisamos conversar com eles. — Peabody entregou um cartão. — Se eles aparecerem, entre em contato comigo. Quem é o campeão da casa no *Bust It?*

Ele concentrou sua atenção nela.

— Você joga?

— Sou viciada. Destruo todos os recordes no *Bust It*. — Ela exibiu três dedos. — Já cheguei ao Triplo.

— Uau, isso eu nunca vi — disse ele, exibindo respeito. — Quer disputar uma rodada?

— Estou trabalhando, talvez mais tarde.

— Eu enfrento você no jogo — ofereceu ele, com um sorriso.

— Combinado! De qualquer modo — completou ela —, se eles aparecerem, me dê um toque.

Ele passou um dedo sobre o coração e guardou o cartão no bolso.

— Que diabos foi aquilo? — quis saber Eve.

— Talvez ele nos ligasse, mas as chances eram pequenas porque ele estava se lixando para nós. Resolvi tentar uma abordagem diferente. Consegui a atenção e o respeito dele. Banquei a gamer. Foi meio idiota, mas funcionou.

— Verdade — concordou Eve, e isso fez Peabody rir.

Elas abriram caminho pelo trânsito, passando por casas pré-fabricadas, construídas após as Guerras Urbanas, mas que agora estavam cobertas de pichações. Ali, os homens que não tinham nada de útil para fazer se sentavam em degraus caindo aos pedaços, tomando bebidas baratas embrulhadas em sacos de papel pardo.

Valentões circulavam em pequenos bandos, a maioria deles em regatas confortáveis que lhes permitiam exibir uma variedade de tatuagens e músculos suados.

Uma cerca enferrujada circundava a quadra de concreto rachado e desbotado. Alguém se dera ao trabalho de empurrar ou varrer as pilhas de lixo para junto da cerca, e cacos de vidro brilhavam ali como diamantes perdidos.

Vários homens cujas idades variavam entre o fim da adolescência e os vinte e poucos anos jogavam, alguns de camiseta e outros sem. Muitos tinham a pele arranhada e cheia de hematomas. Os espectadores estavam encostados ou sentados junto da cerca. Com exceção do casal de adolescentes que tentava arrancar os umbigos um do outro por dentro, com a língua, todos gritavam, xingavam e discutiam com os jogadores.

Peabody parou atrás da carcaça de um carro pequeno e depenado.

Alguém tinha pintado FODASI no porta-malas amassado.

— O que se pode dizer sobre a taxa de alfabetização quando um sujeito não consegue nem escrever *foda-se*? É triste — decidiu Eve.

— Bruster — disse Peabody, erguendo o queixo em direção à quadra.

— Sim, já o vi junto de seus companheiros imbecis.

— Vou pedir reforço.

— A-ham.

Eve assistiu ao jogo por alguns instantes. Eles estavam no time dos que jogavam com camisa, as roupas coladas ao corpo por causa do suor. Jimmy K tinha enrolado suas calças até acima dos joelhos; a julgar pelo seu ritmo e seus movimentos rápidos, Eve percebeu que ele sabia jogar bem. Talvez jogasse ainda melhor e não suasse em bicas se não estivesse na rebordosa pelo uso de drogas.

O rosto de Bruster estava vermelho como uma lagosta; pelo suor que escorria e pela sua expressão de ódio, Eve imaginou que os sem-camisa estavam ganhando de lavada. Leon parecia um cão ofegante enquanto corria pela quadra de um lado para outro. Mesmo de longe era possível ver o peito dele se encher e esvaziar.

— Eles estão esgotados — declarou Eve. — Não se aguentam mais em pé e estão sem fôlego. Um bebê pulando numa perna só os venceria numa corrida.

— O reforço chega em quatro minutos. — Quando Eve fez que sim com a cabeça, Peabody se remexeu no banco. — Ah, que se dane, vamos logo pegar esses idiotas.

— Eu estava louca para ouvir isso.

Eve saltou do carro. Alguns dos que assistiam ao jogo perceberam que elas eram policiais, apesar de ainda estarem do outro lado da rua. Alguns fizeram ar de escárnio, outros pareceram ficar nervosos e muitos olharam para algum ponto indistinto ao longe, numa reação que Eve julgou ser uma tentativa de parecer invisível.

Na quadra, Bruster roubou a bola e deu uma cotovelada no estômago do adversário. Uma briga rápida e violenta teve início, e

isso deu algum tempo para que Eve e Peabody atravessassem a rua e entrassem pelo portão da quadra.

Eve chutou de leve os espectadores que coçavam a barriga, tentando parecer descontraídos.

— Sumam daqui! — Ela deu um tapinha na arma sob a jaqueta para incentivá-los a ir embora. Eles quase caíram uns por cima dos outros e deram o fora dali o mais depressa possível para escapar de danos físicos.

Eve ignorou os que saíram de fininho ao lembrar subitamente que tinham compromissos inadiáveis. Concentrou o foco em Bruster, mas aproveitou a oportunidade para dar uma bicuda no peito de Slatter quando ele caiu no chão, ofegante e sangrando um pouco.

— Fique no chão. Se você se levantar e tentar fugir vou usar a arma de atordoar com tanta potência que você vai se mijar todo. — Para reforçar o que dizia, sacou a arma enquanto observava Peabody, que tentou escapar de socos e cotoveladas dos jogadores ainda em combate e seguiu valentemente até agarrar Bruster pelo braço.

Jimmy K estava sentado no chão com a mão sobre o lábio cortado.

— Nós não fizemos nada. Aquele branquelo filho da puta me deu um soco.

— Ah, é? — Ele havia se esquecido por completo dos Ochi e da loja, percebeu Eve, e também das vidas que despedaçara — Fique aí e não se mova — ordenou ela.

Mas Bruster não havia esquecido. Ela viu os olhos dele se faiscarem quando Peabody o arrancou de cima do garoto que ele agredia. Peabody desviou do soco e dos chutes quando tentou se identificar como policial.

Slatter tentou sair de baixo da bota, mas Eve aumentou a pressão.

— Posso quebrar algumas costelas suas — anunciou ela — e depois dizer que tudo aconteceu durante o jogo. Pense nisso.

Em vez de sacar a arma, Peabody tentou desviar de mais um soco, mas o golpe passou por cima do ombro dela e atingiu com muita firmeza, pelo que Eve percebeu, a orelha da sua parceira.

Os óculos espelhados com tons de arco-íris foram deslocados pelo golpe e ficaram tortos no rosto dela.

Peabody conseguiu atingi-lo com um soco fraco que fez Eve balançar a cabeça.

Peabody manteve os pés muito firmes, notou Eve. Isso telegrafou para o oponente os seus próximos movimentos.

Quando Bruster pegou o *jammer* no bolso, Eve ergueu a arma, pronta para atirar. Foi quando Peabody exclamou:

— Ah, que se foda! — E o chutou no saco.

O *jammer* pulou da sua mão quando ele caiu, com ânsia de vômito. Eve elogiou o reflexo de Peabody quando ela conseguiu agarrar o aparelho em pleno ar.

— Você está totalmente preso e ferrado. — Peabody caiu sobre ele, os dois rolaram pelo chão e ela conseguiu algemar Bruster. — Você quer um pouco disso também? — gritou ela, quando Jimmy K começou a rastejar para trás como um caranguejo.

Ele ficou imóvel na mesma hora.

— Uh-uh — resmungou ele, balançando a cabeça para os lados — Qual é, cara, isso é só um jogo de basquete, para que tanta neura?

— Pode apostar o seu cu que isso não é neura nenhuma. — Ela se levantou, olhou para trás e viu que Eve também algemava Slatter. — Fique de cara no chão! — ordenou, e terminou o trabalho com Jimmy K quando o reforço apareceu.

— Chame uma ambulância — ordenou Peabody assim que o primeiro policial chegou onde elas estavam. — Alguns desses caras precisam de cuidados médicos. Tome nota de todos os nomes — complementou. — Vou acrescentar agressão a uma policial na ficha desses babacas. E traga um camburão para levar esses três.

— Agora mesmo, senhora.

Peabody olhou para Eve, sorriu e murmurou:

— Ele me chamou de “senhora”. — Depois pigarreou para limpar a garganta. — Tenente, você quer informar esses idiotas das acusações sobre eles e recitar seus direitos?

— Claro! Bruster Lowe, Leon Slatter e Jimmy K. Rogan, vocês estão presos por assassinato...

— Ei, nós não matamos ninguém! — Jimmy K quase gritou quando dois policiais fardados o levaram. — Vocês pegaram os caras errados, cara. Estávamos só jogando basquete.

— As acusações adicionais incluem tentativa de assassinato, agressão, destruição de propriedade privada, roubo e, no caso de Bruster, resistência à prisão e agressão a uma policial. Só por diversão, pode ser que acrescentemos às acusações a tentativa de assassinato de uma policial.

Quando tudo acabou e os três estavam dentro do camburão, Peabody passou as mãos sobre o rosto.

— Isso foi ótimo, bom trabalho, mas... *Ai!* — Ela deu um tapinha na orelha.

— Você colocou seu peso todo nos pés — avisou Eve.

— Ei, nada de comentários sobre o meu excesso de peso, porque eu sou a investigadora principal.

— Não estou falando da sua gordura, Peabody, só avisei que você apoiou o corpo todo na base dos pés. E depois hesitou. Tem bons reflexos, mas seus movimentos estão lentos. Você precisa melhorar seu mano-a-mano.

— Como meu ouvido ainda está apitando, não posso discutir. Vou trabalhar nisso.

— Mas você o derrubou, então... sim, bom trabalho. — Eve se virou ao ouvir o alarme agudo de sua viatura.

Viu quando o ladrão esperançoso voou para trás e pousou de bunda no chão ao ser atingido pela descarga elétrica do carro. Seu aparelho de arrombar veículos rolou para a sarjeta.

— O sistema funciona. É bom saber.

Ela voltou e deixou o assaltante sair dali mancando — e com uma bela lição aprendida.

— Estou com sede. Quero um refri. — Peabody olhou de lado para Eve. — Vou parar a caminho da Central para tomar um. Quero dar a eles um pouco de tempo para se cagarem de medo. Mandei que os policiais os colocassem em celas isoladas e já reservei as salas de interrogatório. Jimmy K é o elo mais fraco, certo? Pensei em pegá-lo primeiro.

— Por mim, tudo bem.

— Quero ser a policial malvada.

Eve ergueu os olhos e fitou a parceira. Uma tira com arco-íris nos olhos.

— Eu me preocupo com você, Peabody.

— Eu nunca sou a policial malvada. Hoje eu quero ser a megera descontrolada e você vai ser a boazinha. Ele chorou como um bebê quando o carregaram. Eu nem vou precisar ser tão má. Além do mais — murmurou ela —, sou a investigadora principal.

— Tudo bem. — Eve se recostou no banco. — Mas os refris são por sua conta.

Jimmy K ainda chorava baixinho quando elas entraram na sala de Interrogatório. Peabody exibiu uma cara feia para ele.

— Detetive Delia Peabody e tenente Eve Dallas interrogando Jimmy K. Rogan sobre o assassinato de Charlie Ochi e outras acusações relacionadas a este crime.

— Eu não matei ninguém! — choramingou Jimmy K.

— Você cale a porra da boca! — Peabody jogou a pasta de arquivos sobre a mesa, tirou a foto do morto e a colocou por cima, com um estalo forte. — Está vendo isso aqui, Rogan? Foi isso que você e os seus amigos fizeram.

— Eu não fiz isso. Não fiz!

— E isso também. — Ela mostrou as fotos da sra. Ochi, os closes de sua cabeça sangrando, o olho roxo e a mandíbula inchada. — Acho que você gosta de bater em velhinhas, seu babaca.

— Eu não fiz isso!

Peabody fez menção de se levantar da cadeira.

— Espere, segure a onda. — Fazendo o seu papel, Eve colocou a mão no ombro da parceira. — Dê uma chance a ele, ok? O jovem me parece muito abalado. Eu lhe trouxe uma bebida, Jimmy K. Você aceita uma coquinha gelada?

— Aceito, cara, aceito. — Ele pegou a lata da mão dela e engoliu tudo quase de uma vez só. — Eu não matei ninguém, nada a ver!

— Temos testemunhas, seu idiota.

— Não, não! — Jimmy K balançou a cabeça com força, olhando para Peabody. — Ninguém estava lá quando entramos e Skid desligou a câmera. Não há testemunhas.

Meu Deus, pensou Eve, que imbecil.

— Você esteve na loja dos Ochi hoje? — perguntou Peabody. — Com Bruster Lowe... o Skid, e Leon Slatter... o Slash?

— Ok, tudo bem. Queríamos alguma coisa para mastigar, entende? Fomos lá atrás de comida.

— Vocês sempre desligam a câmera quando vão lá atrás de comida? — insistiu Peabody.

— Ficamos só de zoeira por ali, sacou?

— Zoeira? — Peabody rugiu e sacudiu a foto de Ochi diante do rosto de Jimmy K. — Isso foi zoeira?

— Não, cara... não, senhora. Eu nunca fiz isso.

— Relaxe, Jimmy K — disse Eve, exibindo abertamente um ar de reprovação para Peabody. — Você sabe que *jammers* são aparelhos ilegais... até mesmo os caseiros.

— Sim, eu sei. — Ele suspirou. — Mas o lance foi o seguinte... eu estava só testando. Às vezes eu ganho uma grana trabalhando em uma loja de informática e aprendo a fazer uns aparelhos aí. Um lance educacional. Eu disse aos caras que conseguia montar um *jammer* com peças velhas avulsas e eles todos disseram na minha cara: “Ah, qual é, você está mentindo, seu mané” e coisas do tipo. Então eu provei o que dizia. Trabalhei no aparelho durante muitas horas, cara. Todos ficamos animados com o lance... Sabe como é quando a galera está junta e se empolga.

— Sim. — assentiu Eve. — Claro.

— Testamos a maquininha e ela fodeu com o computador do Slash. Foi divertido pra cacete, cara. Skid e eu quase nos mijamos de rir. Slash ficou meio puto, tentou arrancar o aparelho da minha mão e quando eu tentei segurá-lo com mais força eu apertei o botão errado e dei choque nele. Caraca, vocês precisavam ver o pulo que ele deu quando foi atingido. Caímos de bunda de tanto rir. Brincamos com aquilo mais um pouco, demos choque uns aos outros algumas vezes e aumentamos a carga. De repente, sabe como é, ficamos com fome e decidimos dar um pulo na loja dos Ochi para pegar um rango e brincar um pouco com o zip-zap. Foi assim que batizamos o aparelhinho: zip-zap. Eu o construí sozinho, sem ajuda de ninguém.

Ele disse isso com muito orgulho e Eve percebeu que Peabody começou a sentir pena dele.

— Esse é um baita talento, Jimmy K — elogiou Eve, e deu um chute em Peabody por baixo da mesa.

— Seu imbecil! — Peabody fez cara de durona. — Vocês foram ao mercado dos Ochi para roubá-los, destruir a loja deles e agredi-los, foi isso? Levando um dispositivo ilegal que bloqueia sistemas de segurança e libera descargas elétricas? E, ainda por cima, bastões de luta?

— Ok, ouça, ok, pelo menos me escute. — Ele levantou as mãos para pedir calma. — Estávamos chapados e com muita fome. Os Ochi têm comida boa, mas aquele velho está sempre nos escorraçando, uma vez até mandou os policiais à casa da mãe de Skid só porque derrubamos algumas coisas da loja. Nós só queríamos comida e exibimos o aparelho para eles não se meterem conosco. Só para assustá-los, entende?

— Então era para ser só um pequeno roubo — completou Eve, seguindo o ritmo dele. — Vocês três pegaram o zip-zap, os tacos e tentaram roubar a loja e intimidar os donos; se eles reclamassem vocês iam só bater de leve neles e quebrar algumas coisas.

— Exatamente! Entramos lá de zoeira, cara. Estávamos chapadaços. Skid levou o zip-zap porque era a vez dele e porque o velho tinha chamado os tiras e tal. Ele queimou a câmera, que apagou geral. A velha veio com tudo, entende? Então Slash bateu nela de leve.

— Leon Slatter... o Slash bateu nela com o taco — incentivou Eve — ... porque ela estava gritando para vocês pararem.

— Isso aí! Ela começou a gritar, muito puta e cagando ordens, então Slash deu uma porrada nela com o taco para ela calar a boca. Eu peguei alguns chocolates, batatas fritas, essas merdas, e de repente o velho surgiu lá de dentro metendo o louco. Começou a me agredir, então eu só me defendi e dei um soco nele. Mas ele voou atrás de Skid gritando muito, *alucinado*, então Skid deu só um choque nele. Estávamos tão chapados que quebramos o lugar e saímos. Viu só? Nós não matamos ninguém.

Peabody pegou um documento da pasta do caso.

— Este é o relatório da autópsia do sr. Ochi. Você sabe o que é uma autópsia, seu imbecil?

Ele mordeu os lábios.

— É quando eles retalham as pessoas mortas. Muito escroto fazer isso, cara.

— Exatamente. E quando eles retalharam esse homem descobriram que ele morreu de falência coronária. O coração dele parou.

— Viu só? Foi como eu disse, nós não o matamos.

— O coração parou devido a um choque elétrico que também deixou queimaduras no peito. Seu maldito zip-zap foi a arma do crime.

Os olhos de Jimmy K se arregalaram.

— Não. Porra, não!

— Porra, *sim!*

— Foi um acidente, cara. Um acidente, certo? — retrucou ele, olhando para Eve com ar de súplica.

Ela estava cansada bancar a tira boazinha.

— Vocês foram até a loja dos Ochi com intenção de roubar, destruir propriedade privada, intimidar e provocar danos físicos aos donos e a quem mais estivesse presente. Entraram lá carregando um dispositivo ilegal que sabiam que poderia causar ferimentos e tacos de beisebol. Vocês realmente roubaram, destruíram propriedade privada e provocaram ferimentos, conforme você acaba de admitir aqui. Vou lhe informar o que acontece quando uma morte acontece como resultado de um crime, ou durante o ato do crime. A acusação é de assassinato.

— Impossível!

— Ah, pode acreditar — garantiu Eve. — É muito possível, sim!

Capítulo Dois

Eve deixou Peabody cuidar dos procedimentos finais. Demorou mais tempo que o habitual, mas ela teve de reconhecer que os interrogatórios foram meticulosos. Ao término do longo processo, três idiotas perigosos estavam atrás das grades, onde ela sabia que iriam passar muitas décadas de suas vidas inúteis.

Em sua sala, ela apontou para o AutoChef.

— Estou sem café na minha mesa — disse ela, parecendo um pouco intrigada com a falta da bebida. — Quando você resolver esta situação, pode se servir de um para você.

Peabody programou duas canecas e entregou uma à tenente.

— Bom trabalho — elogiou Eve —, brindando com a colega.

— Foi molezinha, no fim das contas.

— Graças ao seu esforço. Obteve detalhes e descrições de uma testemunha, acrescentou as informações que eu levantei com a esposa da vítima, juntou o que observamos e compilamos a partir da cena do crime.

Eve se sentou e colocou os pés sobre a mesa.

— A partir daí você seguiu seu instinto e localizou os suspeitos, sem precisar acionar os policiais que já estavam na busca.

Peabody se sentou na cadeira de visitantes meio bamba.

— Você teria me esculachado se eu tivesse deixado tudo com os colegas. Era o *nosso* caso, a *nossa* vítima. Eram os *nostros* suspeitos.

— Isso mesmo. Pela minha avaliação, você identificou corretamente o elo mais fraco, interrogou-o antes, interpretou de forma correta as reações dele, fez com que se intimidasse a ponto

de nos oferecer uma confissão e relatar detalhes específicos. Quem fez o que, quando e como. Mostrou-se incisiva, e isso foi fundamental. Decidiu aumentar a pressão e esquentar o traseiro de Slatter porque ele é mais duro que Rogan.

— Purê de batata é mais duro que Rogan, mas continue com os elogios. Por favor, continue descrevendo o quanto eu sou uma investigadora mag.

— Você não pisou na bola — confirmou Eve, e isso fez Peabody sorrir sobre a borda da caneca. — Cozinhou Slatter em fogo baixo porque ele ficou revoltado ao saber que Rogan tinha entregado todo mundo; e ele soube disso porque você lhe explicou em detalhes... para fazê-lo incriminar ainda mais os amigos. Ele imaginou que, já que Rogan tinha fabricado a arma do crime e foi Lowe quem teve a brilhante ideia de ir ao mercado e usar a arma em Ochi, ele seria apenas um espectador inocente. Você o deixou pensar isso.

— Sim, mas foi você que o conduziu, bancando a policial boazinha. Uma investigadora mag sabe trabalhar em equipe.

— Você tem só mais alguns minutos para garimpar elogios. — decidiu Eve.

— Tudo bem. Usamos Lowe como um cavalo de tração.

— Se você diz. Foi inteligente o desprezo e a abordagem do “você está ferrado, imbecil, já era”. Você usou sarcasmo e simpatia, em vez de ameaças e intimidação. Ele tem quase meio cérebro e poderia ter exigido um advogado se você o tivesse pressionado muito. A frieza funcionou melhor.

— Acho que, de certo modo, ele sabia que Ochi estava morto quando saiu da loja. E, em algum nível, pressionou o dispositivo no coração do velho porque sabia que isso provocaria sérios danos.

Não tinha sido só uma questão de instinto e trabalho em equipe, pensou Eve. Boa percepção era uma ferramenta importante para uma investigadora mag.

E pragmatismo também.

— Eu não discordo, mas nunca teríamos sucesso em enquadrá-los por assassinato em primeiro grau. Você conseguiu o que foi possível e, com a acusação de agressão a uma policial, depois que Lowe tentou atacar você, eles ficaram bem encrencados, Peabody. Vão permanecer enjaulados por mais anos do que têm de idade. A

sra. Ochi não terá o marido de volta, mas, quando você entrar em contato com ela, a viúva saberá que as pessoas responsáveis pela morte do marido já começaram a pagar pelo que fizeram.

— Acho que você deveria contar tudo isso a ela, Dallas. Foi você que falou com ela no início e ela já conhece você. Provavelmente significaria mais se você lhe contasse que já os pegamos.

— Ok.

— Vou entrar em contato com a testemunha. — Peabody suspirou. — Gostei de ser a policial malvada. Confesso que gostei muito. Só que... isso meio que me deixou com dor de cabeça.

— Porque não é da sua natureza. Sua técnica natural é manipular, se identificar com o suspeito e fazer com que ele se identifique com você. É um bom traço de personalidade, Peabody. Você consegue bancar a durona quando é preciso, mas é melhor na vaselina. Agora vá redigir o relatório.

— Eu sou a investigadora principal. Não sou eu quem deve mandar você redigir?

— Minha patente é maior que a sua e o seu tempo de extrair elogios já acabou. Vou reunir minhas anotações e enviar tudo para você. Entre em contato com a testemunha, termine o relatório e vá para casa.

Peabody assentiu e se levantou da cadeira para visitantes de Eve, que a essa altura estava quase desmontando.

— Foi um bom dia. Não para os Ochi — lamentou Peabody, estremecendo de leve. — Mas... você me entendeu. Estou me sentindo poderosa. Talvez quando chegar em casa eu treine a policial malvada com McNab.

Eve pressionou o canto do olho com os dedos quando ele fechou.

— Por que você acha que eu quero saber sobre seus jogos sexuais pervertidos com McNab?

— Na verdade eu estava pensando em praticar técnicas de investigação, mas agora que você mencionou...

— Dê o fora daqui!

— Fui! Obrigada, Dallas.

Ao se ver sozinha, Eve permaneceu sentada por mais um minuto com seu café, os pés para cima. Iria fazer suas anotações e uma

bela avaliação do trabalho de Peabody no caso, para ser anexada ao arquivo.

Só depois resolveu ir para casa, o que tornaria o dia realmente bom.

Olhou para seu *smartwatch* e xingou baixinho. Já estava absurdamente atrasada. Segundo as regras do casamento, precisava entrar em contato com Roarke logo, para informar a hora aproximada da sua chegada em casa.

Assim que esticou o braço para pegar o *tele-link* da mesa, ele tocou.

— Divisão de Homicídios, Dallas falando.

— Olá, tenente. — A sra. Ochi apareceu na tela. — Desculpe interromper seu trabalho, mas eu queria saber se você já sabe... se já tem alguma notícia para me dar.

— Não se preocupe em me incomodar, sra. Ochi. Eu me preparava justamente para ligar para a senhora. Pegamos os três. Conseguimos confissões. Eles estão atrás das grades neste exato momento. O promotor está confiante de que receberão uma condenação tão extensa que ficarão presos por muito tempo.

— Você os prendeu!

— Isso mesmo, senhora.

Aqueles expressivos olhos verdes se encheram de lágrimas antes da sra. Ochi colocar as mãos sobre o rosto.

— Obrigada. — Ela começou a chorar aos soluços e balançar o corpo para a frente e para trás. — Obrigada.

Eve a deixou chorar; quando seu filho e sua filha apareceram na tela, ao lado da mãe e abraçando-a, Eve respondeu às suas perguntas.

Quando desligou, sua mente estava focada em concluir o trabalho... e não nas regras do casamento. Ao terminar tudo ela finalmente saiu e, quando passou pela sala de ocorrências, viu Peabody curvada sobre a mesa, concentrada em seu relatório.

— Até amanhã.

— Ok, tchau — murmurou Peabody.

McNab teria que bancar o policial malvado sozinho por algum tempo, refletiu Eve ao sair, e imediatamente desejou não ter

pensado naquilo. Logo depois, lembrou-se que não tinha ligado para casa.

— Merda! — Pegou o *tele-link* no bolso.

— Tenente! — A detetive Carmichael correu atrás dela. — Santiago e eu estamos trabalhando em um corpo encontrado flutuando no rio. Eu queria trocar algumas ideias com você.

— Ande enquanto fala, estou de saída.

Ela escutou, questionou, considerou os fatos, desceu pelas passarelas aéreas em vez de pegar o elevador, para dar mais tempo à detetive. Pararam em um dos andares quando Carmichael puxou o lóbulo da orelha e perguntou:

— Estamos autorizados a fazer horas extras e continuar a investigação noite adentro?

— Tudo bem, vou liberar essas horas para vocês. Vão em frente.

— Obrigada, tenente.

— Como está rolando a interação com o novo colega?

— Santiago é bom, tem bom faro. Vamos acelerar o ritmo para resolver o caso logo.

— Ótimo, fico feliz. Boa caçada, Carmichael.

Eve pegou o elevador até a garagem, pensando no corpo no rio que Carmichael investigava, nos caminhos a seguir e na autorização para as horas extras.

Arrastou-se pelo tráfego lento durante algum tempo, riu um pouco dos motoristas lerdos e avançou mais que eles ao mudar de rota algumas vezes. Quando tornou a se lembrar das regras do casamento, estava quase em casa.

Não faz sentido ligar agora, decidiu. Ela simplesmente compensaria Roarke. Ele devia estar trabalhando no escritório de casa enquanto esperava por ela, refletiu. Depois eles poderiam curtir um bom jantar. Ela iria até programar a comida pessoalmente — um daqueles pratos chiques e elaborados que ele apreciava — e abriria uma garrafa de vinho.

Iria relaxar, ficar junto dele. Talvez sugerisse um daqueles filmes antigos de que ele tanto gostava. Noite típica de um casal bem casado e caseiro, pensou, seguida de muito sexo.

Sem assassinatos, sem caos, sem trabalho nem pressões. Só os dois. Puxa, ela poderia até vestir uma daquelas camisolas sensuais,

para apimentar a noite.

E quem sabe programar um pouco de música para tornar a cena de romance ainda mais completa.

Satisfeita com os planos, adentrou os portões da mansão. Seu humor melhorou um pouco mais ao observar as luzes que cintilavam na quantidade imensa de janelas na linda casa de pedra. Eles poderiam comer do lado de fora, decidiu, em um dos terraços. Olhou para cima enquanto dirigia, avaliando as torres maiores e as pequenas. Talvez no terraço da cobertura, com sua pequena piscina e vista panorâmica da cidade.

Absolutamente perfeito.

Deixou a viatura na frente da casa e correu para dentro, dizendo a si mesma que estava bem-humorada o suficiente para não ser incomodada por Summerset, certamente à espreita no saguão e pronto para zombar dela por causa do atraso.

Mas o saguão estava vazio, e isso a fez hesitar por um momento.

Onde está Summerset?

— Não questione a sua sorte — disse para si mesma, e continuou a subir a escada.

Foi direto para o escritório de Roarke e se viu surpresa por não o encontrar lá, fazendo um acordo de negócios ou analisando algum orçamento complicado.

Franzindo a testa, virou-se para o monitor da casa.

— Onde está Roarke? — exigiu saber.

Querida Eve, Roarke está no terraço do andar principal da casa, nos fundos, ala dois.

— Nós temos “alas”? Qual é o...

O local exato está indicado em destaque na tela.

— Tudo bem. — Ela apertou os lábios e estudou o mapa da casa, com a luz piscando. — Já entendi.

Ela tornou a descer. O que ele estaria fazendo lá fora? — imaginou. Talvez tomando um drinque com Summerset — o que

servia como resposta para a outra pergunta. Conversando sobre os velhos tempos, sobre golpes bem-sucedidos, grana roubada e arrombamentos memoráveis.

O tipo de coisa que não era adequado relembrar na presença de uma policial.

Estava na hora de acabar com aquela nostalgia e...

Ela parou assim que saiu da casa. Roarke realmente estava com Summerset, mas eles não estavam só bebendo. E não estavam sozinhos.

Duas pessoas que Eve nunca tinha visto estavam sentadas com eles em torno de uma mesa coberta por uma toalha branca, onde velas piscavam lindamente contra o pano de fundo da noite em fim de verão. Pelo visto, desfrutavam de um jantar muito elaborado e chique.

Os estranhos eram um casal que ela julgava ter sessenta e poucos anos. A mulher tinha o cabelo louro cintilante cortado muito curto, reto, emoldurando um rosto dominado por grandes olhos redondos; o homem tinha um cavanhaque que realçava seu rosto anguloso de ar acadêmico.

Os quatro riam descontroladamente.

Eve sentiu uma contração nos ombros quando Roarke ergueu seu cálice de vinho. Ele parecia relaxado e feliz; seus lábios esculpados se curvaram em um sorriso quando ele ouviu algo que a mulher estranha falou ao grupo com um elegante sotaque britânico.

Seu cabelo preto como a noite mais escura brilhava à luz das velas e lhe descia quase até os ombros do paletó. Ela o ouviu responder com a riqueza e o calor da Irlanda que surgiram como traços de fumaça em sua voz.

Nesse instante os olhos dele, perversamente azuis, encontraram os dela.

— Ah, aqui está Eve. — Ele empurrou a cadeira para trás, ergueu o corpo alto e magro. E estendeu a mão para ela. — Querida, venha conhecer Judith e Oliver.

Ela não queria conhecer Judith e Oliver. Não queria conversar com estranhos que tinham sotaque britânico, nem ser o centro das atenções por voltar tarde para casa, provavelmente suada e com

sujeira de asfalto nos joelhos das calças, devido a uma briga com três idiotas.

Mas também não podia ficar parada ali, calada.

— Olá. Desculpem a interrupção.

Antes que ela pudesse pensar em colocar as mãos nos bolsos, Roarke a pegou por uma delas e a puxou mais um passo em direção à mesa.

— Judith e Oliver Waterstone, esta é a minha esposa... Eve Dallas.

— Estávamos ansiosos para conhecê-la. — Judith lançou-lhe um sorriso ensolarado e cintilante como o seu cabelo. — Ouvimos muita coisa sobre você.

— Judith e Oliver são velhos amigos de Summerset. Estão em Nova York por alguns dias antes de voltar para a Inglaterra.

— Você investiga assassinatos aqui em Nova York — comentou Oliver. — Deve ser um trabalho fascinante e difícil.

— Às vezes as duas coisas.

— Vou pegar mais um prato — anunciou Summerset, já se levantando da cadeira, mas Eve fez que não com a cabeça.

— Não, não se preocupe. Tenho algumas questões para resolver. — Pelo que ela podia ver, eles já estavam quase terminando a refeição. Que razão haveria para ela se juntar ao grupo? — Só quis passar aqui para avisar que já estou em casa. Então... foi um prazer conhecê-los. Aproveitem o jantar.

Ela conseguiu recuar para dentro de casa antes de Roarke impedi-la, e ele foi atrás.

— Eve! — Ele pegou a mão dela novamente, mas desta vez a puxou para um beijo de boas-vindas. — Se apareceu algum caso importante eu posso me desculpar com eles e subir com você.

— Não. — Ele realmente era capaz de proceder assim, e isso a fez se sentir mesquinha e irritada. — Nada de especial, apenas...

— Bem, então venha para fora, coma alguma coisa e tome um pouco de vinho. Você vai gostar dessas pessoas.

Ela *não queria* gostar dessas pessoas. Já tinha mais gente em sua vida do que conseguia administrar.

— Escute, foi um dia longo, estou suada e imunda ainda por cima. Já avisei que tinha coisas para resolver, então volte para o

seu pequeno jantar e deixe-me em paz.

Ela se afastou, sua irritação vibrando a cada passo que dava. Roarke a observou.

— Tudo bem, você é quem sabe — murmurou ele, e voltou para os seus convidados.

Na Central de Polícia, Peabody terminou de redigir seu relatório, anexou-o aos arquivos, assinou o formulário de encerramento e deu um pequeno tapinha na pasta.

Caso encerrado, pensou. Ela já tinha avisado McNab de que iria chegar tarde e levou mais alguns minutos para organizar sua estação de trabalho, como gostava de fazer quando tinha tempo.

Enquanto arrumava o seu espaço, repassou mentalmente todas as etapas da investigação, sentindo-se satisfeita e um pouco orgulhosa... Até que se lembrou dos socos que tinha levado de Lowe... e da crítica de Eve sobre suas habilidades de luta corporal.

— Ela tem razão — admitiu Peabody para si mesma, massageando de leve a orelha dolorida. — Eu realmente preciso aprimorar minha técnica. — Pensou em bancar a policial malvada com McNab e praticar o corpo a corpo.

Só que eles ficariam suados, ofegantes e acabariam transando. O que seria bom — muito bom até —, mas não ajudaria a melhorar seu desempenho na luta.

Resolveu, então, passar uma hora malhando na academia do prédio da Central de Polícia. Iria programar uma rodada de exercícios focada em seus pontos fracos para aprimorá-los. Depois poderia tomar uma ducha, trocar de roupa e chegaria em casa nova em folha.

Para uma boa transa.

Foi até o armário e, depois de colocar uma muda de roupa e acessórios de malhação em uma bolsa esportiva, tomou nota mentalmente para não se esquecer de pegar novas roupas de reserva em casa, para substituir as que pegara.

Era uma nova resolução, disse a si mesma. Uma hora na academia todos os dias... Tudo bem, isso nunca iria acontecer. Três vezes por semana, então.

Ela conseguiria três vezes por semana. E guardaria seu projeto pessoal para si, talvez o compartilhando apenas com McNab. Quem sabe dali a um mês ela pudesse deixar Dallas de queixo caído com sua pisada leve e seus reflexos-relâmpago.

Caminhou até a academia que atendia o seu setor da Central, mas ainda na porta avistou, pelo vidro, meia dúzia de colegas. Eram policiais sarados que suavam nos aparelhos, corriam nas esteiras e treinavam lutas.

Olhou para sua roupa de treino, o short largo, o top esportivo medonho que comprara porque era barato. Então, pensou no tamanho de sua bunda e deu meia volta.

Ela não podia entrar ali vestida daquele jeito — muito menos ao lado de policiais que ela conhecia — e ficar suada e ofegante junto daqueles corpos bem-torneados com barrigas tanquinho e atléticos.

Bancando a balofa largada e idiota.

Era por isso, lembrou a si mesma, que não frequentava a recém-inaugurada nova academia da Central... nem se matriculava em uma academia externa. E era por conta disso que a sua bunda era grande demais, decidiu; segundo as leis da gravidade, o peso ia todo para os pés e para a bunda.

Ordenou a si mesma que aguentasse a barra e pegou o cartão de acesso ao salão, mas então se lembrou da antiga academia, que ficava dois andares abaixo.

Ninguém a usava mais, lembrou, enquanto saía dali apressada. Ou quase ninguém. Porque os aparelhos eram velhos, os armários, minúsculos, e o chuveiro só gotejava.

Mas serviria bem a ela e ao seu novo projeto.

Encontrou o painel de segurança desativado e viu o salão vazio. As luzes se acenderam quando ela entrou, apagaram-se por alguns segundos, voltaram a brilhar e finalmente se mantiveram acesas. Havia rumores sobre uma reforma naquele espaço, mas ela meio que torcia para que o deixassem exatamente como estava. Podia estar caindo aos pedaços, mas serviria como sua academia particular.

Pelo menos até ela adquirir uma barriga tanquinho, pés leves e diminuir o tamanho da bunda.

Espiou a área do vestiário e apurou o ouvido. Sorriu. Sim, aquela seria a sua academia particular, pensou. Escolheu um armário aleatoriamente, vestiu sua roupa horrorosa e pegou os acessórios — que logo seriam substituídos. Conseguiu enfiar tudo no armário, que mais parecia uma caixa de sapato, e, sentindo-se virtuosa, foi definir sua série de exercícios.

Aquele era o primeiro dia na vida da nova Peabody sarada.

Uma hora depois estava ela deitada no chão sujo, chiando como se à beira da morte. Seus quadris e tendões queimavam, seus glúteos choravam e seus braços não paravam de gritar “mamãe!”.

— Nunca mais vou fazer isso — anunciou. — Vai, sim — corrigiu-se na mesma hora. — Não posso, estou morrendo... Pode, sim! E vai!... Ai, socorro, acho que quebrei a bunda... Fracote, molenga... Cale a boca!

Ela chiou um pouco mais, depois rolou de lado e ficou de quatro.

— Eu devia ter começado devagar, com uma série mais suave... Eu *sabia!* Vaca pretenciosa! — Cerrou os dentes, determinada a não rastejar até o vestiário e os chuveiros.

Mas saiu mancando.

Despiu-se, agarrou e lutou contra o top esportivo pegajoso colado na também pegajosa pele e o largou no chão. Depois revirou os olhos quando a voz da mãe surgiu clara em seu ouvido... “Respeite as coisas que lhe pertencem, Dee!” Inclinou-se e o pegou de novo. Enfiou o top suado, o short e os tênis em um segundo armário, pegou uma das toalhas finas do tamanho de um jogo americano — porque tinha medo de ser eletrocutada ao usar o pré-histórico aparelho de secar o corpo — e entrou em uma das apertadas cabines de banho.

Tornou a sair ao ver que o dosador de xampu estava vazio e seguiu de cabine em cabine até encontrar uma com meia colher de chá que fosse da tal gosma verde ainda no dosador.

Talvez a água estivesse fria e os pingos mais pareciam ser os de uma torneira pingando do que os de um chuveiro propriamente dito, mas ela não ia reclamar. Em vez disso se virou à direita, à esquerda, molhou as costas e a parte da frente do corpo até conseguir tirar a maior parte do suor.

No momento em que se ensaboou e enxaguou, ficou mais próxima de se sentir humana novamente e planejou se dar de presente um imenso sorvete a caminho de casa. Não um sorvete de verdade, pois não poderia se dar a esse luxo. Mas havia um lugar não muito longe de casa que servia uma sobremesa gelada sem leite bem aceitável.

E ela merecia, pensou, fechando as torneiras. E como merecia! Pegou a toalha e a esfregou sobre o cabelo.

Bateu de leve com a toalha no rosto, nos ombros e começou a sair para onde teria mais tempo para se secar quando ouviu vozes alteradas. A porta do vestiário se abriu e tornou a fechar com um baque surdo.

— Porra, não me venha com essa de que você não estragou tudo, Garnet, porque foi exatamente o que aconteceu! — A voz feminina, quente e irritada ecoou nos azulejos antigos.

Peabody abriu a boca para avisar que elas tinham companhia quando ouviu a resposta; uma voz masculina igualmente forte e revoltada.

— Não jogue a culpa em mim, porque foi você que deixou tudo fugir do controle.

Peabody olhou para seu corpo nu, a toalha minúscula, e se espremeu no fundo da cabine.

— Eu deixei sair do controle? Bem, talvez eu tenha errado em confiar em você para resolver a parada e lidar com Keener. Em vez disso, ele fugiu e isso nos custou dez mil dólares.

— Foi você quem garantiu que ele não seria problema, Renee. Foi você quem o pressionou a entregar o produto, mesmo sabendo que ele poderia fugir com a grana.

— E eu mandei você vigiá-lo. Deveria eu mesma ter feito isso.

— Com certeza!

— Merda!

Alguém — provavelmente a mulher — deu um soco na porta de uma das cabines. Peabody ouviu-a bater contra a parede de uma das cabines próximas. E simplesmente parou de respirar.

— Estou à frente desta operação há seis anos, lembre-se disso, Garnet. É melhor se lembrar também do que pode acontecer se você me pressionar.

— Não ouse me ameaçar!

— Estou só avisando. Estou no comando, e comigo você já arrecadou uma bolada nos últimos anos. Pense na sua bela casa nas ilhas, nos brinquedos caros que você curte, nas mulheres que você gosta de bancar; lembre-se de que você não teria nada disso com o salário de merda de um policial. Você não teria nada disso se eu não estivesse à frente dessa operação.

— Eu não me esqueço disso, mas você também não se esqueça de que sempre fica com o pedaço maior.

— Porque eu mereço. Eu pus você no esquema e te transformei num cara rico. Se quer continuar dentro, pense duas vezes antes de me arrastar para um vestiário mofado e apontar o dedo na minha cara.

— Ninguém usa este lugar. Outra porta de cabine foi esmurrada, agora ainda mais perto dela. Peabody sentiu uma gota de suor fresco lhe escorrer pela testa.

Estava nua e a arma ficara no armário. Não tinha nada com o que se defender, com exceção dos próprios punhos. Então fechou cada um deles e os colou nas laterais do corpo.

Se McNab lhe mandasse uma mensagem ou o *tele-link* tocasse, ela estava ferrada. Se uma das pessoas a poucos centímetros esmurrasse sua porta com raiva, sentisse a sua presença, a ouvisse ou sentisse o seu cheiro, ela estaria perdida. Não havia por onde escapar.

Policiais malvados. Policiais muito malvados. *Renee, Garnet. Não esqueça os nomes, não esqueça. Keener. Lembre-se de todos os detalhes, caso consiga sobreviver.* Olhou para cima e viu, horrorizada, a gota de água imensa que se acumulava e deslizava lentamente para fora do chuveiro — que tinha o tamanho de um punho.

Com a garganta bloqueada, ela estendeu a mão com a palma para cima e pegou a pequena gota. Será que o som dela caindo na palma da mão foi mesmo tão alto quanto uma martelada?

Só que eles continuaram discutindo até que a mulher — *Renee, Renee* — bufou com força.

— Isso não está nos levando a lugar algum. Somos uma equipe, Garnet, e toda equipe tem um líder. A líder aqui sou eu. Talvez isso

seja um problema para você, já que costumávamos dormir juntos.

— Foi você quem quis parar com isso.

— Porque agora cuidamos de negócios. Se mantivermos este esquema, continuaremos enriquecendo. E, quando eu for capitã, é claro que vamos expandir as atividades. Enquanto isso, não faz mais sentido discutirmos sobre Keener. Eu já cuidei dele.

— Porra, Oberman. Por que não me contou logo?

Oberman, pensou Peabody. Renee Oberman. Ela tem uma alta patente e está a caminho de se tornar capitã.

— Porque você me irritou. Eu coloquei nosso garoto nisso e agora já está feito.

— Tem certeza?

— Você sabe o quão bom ele é, e eu já disse que está feito. Quando encontrarem o corpo vai parecer ter sido uma overdose. Apenas mais um viciado que exagerou na dose. Ninguém vai se importar o bastante para cavar mais fundo. Você tem sorte de Keener não ter ido muito longe; e ele ainda estava com os dez mil dólares.

— Você está de sacanagem comigo.

A risada foi forte e aguda.

— Eu não brinco quando o assunto é grana. Vou pegar dez por cento da sua parte como bônus para o nosso garoto.

— Ah, porra, qual é?!

— Seja grato por conseguir ao menos uma parcela — As palavras soaram como um tapa e um alerta. — Keener era uma ferramenta valiosa quando funcionava direito. Agora teremos que substituí-lo. Nesse meio tempo...

Peabody ouviu um tapinha na porta da sua cabine e uma fresta se abriu. O suor virou gelo em sua pele e ela tornou a fechar os punhos.

Através da fresta viu parte de um braço, o brilho de um sapato vermelho de salto alto e um punhado de cabelo louro.

— Chega de reuniões em vestiários vazios — avisou Renee com um tom frio agora, muito nítido, de comando. — Mantenha a cabeça no lugar, Garnet, e vai continuar a curtir a brisa das ilhas. Agora eu tenho um encontro e você me atrasou. Me acompanhe até a rua como um bom menino.

— Você é uma figura, Renee.

— Sou mesmo. Mas sou uma figura que vale a pena ter ao lado.

— A risada dela voltou a ecoar e foi desaparecendo aos poucos.

Peabody fechou os olhos e continuou onde estava; forçou-se a contar lentamente até cem. Mentalmente reconstruiu o espaço do vestiário e calculou a distância da cabine até o armário onde guardara a arma.

Entreabriu a porta, olhou em volta, respirou fundo e correu para o armário. Só respirou normalmente quando se viu com a arma na mão.

Ainda nua, foi até a porta que dava acesso à velha academia e a abriu alguns centímetros.

Tudo escuro, notou. As luzes se apagavam quando o lugar ficava vazio por mais de um minuto. Mesmo assim ela perscrutou a escuridão e quis ter certeza de que estava só antes de retornar.

Manteve a arma em punho quando pegou o *tele-link*.

— Oi, marombeira — McNab sorriu e seus olhos soltaram faíscas verdes de desejo. — Ei, você está nua, e gostosa como sempre!

— Cale a boca! — Os tremores começaram e ela não conseguiu controlá-los. — Preciso que você venha me pegar na Central. Saída sul. Venha de táxi, McNab, mas não salte do carro. Venha depressa!

Ele não sorriu, nem piscou. Seus olhos de amante viraram olhos de policial.

— Há algo errado?

— Eu te conto depois. Preciso sair daqui, venha rápido.

— Amor, já estou praticamente aí.

Capítulo Três

Roarke deu a Eve algum tempo para que ela processasse a sua irritação, já que obviamente estava de mau humor. Aproveitou o resto do jantar, a companhia e a conversa.

Ele gostava muito de ouvir histórias sobre o passado de Summerset, conhecer os pontos de vista e os detalhes da vida de velhos amigos do homem que se tornara um pai para ele. E gostou de ver Summerset participar, rir com eles. Recordar o passado com eles.

Apesar de já se conhecerem há muito tempo e terem compartilhado tanta coisa desde que Summerset o recebera em sua casa quando não passava de um garoto maltrapilho, surrado e faminto, Roarke descobriu que ainda havia muito a ser aprendido.

Tomou café, uma dose de conhaque e beliscou a sobremesa antes de se despedir.

O monitor da casa lhe informou que Eve estava no quarto.

Ela tinha trocado de roupa e vestia a calça e a camiseta de algodão que gostava de usar quando não estava trabalhando. Ele sentiu o cheiro de banho recém-tomado e se inclinou para lhe beijar a cabeça. Ela continuou sentada remoendo pensamentos diante de uma fatia de pizza.

— Você perdeu um agradável jantar — avisou ele, tirando o paletó. — E a companhia de pessoas excelentes.

— Tinha mais o que fazer.

— Uhum... — Ele afrouxou o nó da gravata e a tirou. — Foi o que você disse durante a sua aparição de trinta segundos.

— Escute, eu tive um dia longo e não esperava voltar para casa e encontrar um jantar com convidados. Ninguém me avisou nada.

— Foi algo resolvido em cima da hora. Sinto muito — continuou ele, com um tom irritantemente agradável. — Devo pedir autorização a você antes de me juntar a Summerset e alguns de seus velhos amigos para jantar?

— Eu não disse isso. — Ela fez cara de poucos amigos e deu uma mordida na pizza. — Simplesmente comentei que ninguém me contou do jantar.

— Bem, se ao menos você tivesse entrado em contato comigo para me avisar que iria chegar mais tarde eu teria lhe contado.

— Estava muito ocupada. Pegamos um novo caso.

— Agora, sim, fomos surpreendidos novamente!

— Por que você está tão pau da vida? — ela exigiu saber. — Fui eu que cheguei em casa e encontrei uma festa armada.

Ele se sentou para tirar os sapatos.

— Deve ter sido um baque ver a orquestra, as pessoas bêbadas celebrando. Mas esse tipo de loucura acontece quando os adultos deixam as crianças por conta própria.

— Você quer ficar puto comigo? Tudo bem, pode ficar! — Ela empurrou a pizza para longe. — Eu não estava com disposição para socializar com estranhos.

— Sim, você deixou isso bem claro.

— Eu não os *conheço*! — Ela se levantou e ergueu as mãos. — Passei a maior parte do dia lidando com três babacas que mataram um velhinho por causa da porra de uns chocolates. Você acha que eu gostaria de chegar em casa, me sentar e jantar com Summerset e seus velhos amigos, para ouvi-los falar dos velhos tempos em que eles davam golpes em otários e roubavam carteiras recheadas? Já passo o dia todo cercada de criminosos e não quero ter de passar a noite pedindo para que eles me passem a merda do saleiro.

Ele ficou calado por um instante.

— Estou aguardando sua conclusão, quando você me lembra de que se casou com um criminoso. Mas isso já ficou implícito.

Ela pensou em retrucar, mas o ressentimento na voz de Roarke e em seus cintilantes olhos azuis se interpôs entre eles.

— Judith é uma neurocirurgiã — continuou ele. — Na verdade é chefe de cirurgia em um hospital em Londres. Oliver é historiador e escritor. Se você se desse ao trabalho de gastar cinco dos seus preciosos minutos com eles, saberia que ambos se conheceram e trabalharam com Summerset como médicos no fim das Guerras Urbanas, quando ainda eram todos adolescentes.

Ela enfiou as mãos nos bolsos.

— Você quer que eu me sinta o cocô do cavalo do bandido, não é? Pois saiba que isso não vai acontecer. — Mas é claro que ela se sentiu exatamente assim, o que impediu seu ressentimento de se chocar com o dele. Em vez disso, continuou: — Eu não sabia o que estava rolando porque ninguém me contou. Você poderia ter me ligado, assim eu saberia que daria de cara com vocês no meio de um jantar elegante ao chegar imunda do trabalho.

— Quando você não me avisa quando volta para casa, eu presumo que está envolvida em algo importante. E nem que a vaca tussa eu vou começar a ligar para você perguntando o que está fazendo e a que horas vai chegar, como um marido inseguro e irritante.

— Eu pretendia ligar para você... duas vezes, mas nas duas fui interrompida. Depois da segunda interrupção, esqueci. Simplesmente esqueci, ok? Pode tirar a cueca pela cabeça se quiser, porque foi você quem quis se casar com uma policial, então é você quem vai ter de me aturar.

Ele se levantou e caminhou até ela, que continuou reclamando:

— Prender bandidos é só um *pouquinho* mais importante do que chegar em casa a tempo de jantar com duas pessoas que eu nem conheço.

Olhando-a nos olhos, ele a sacudiu de leve pelos ombros. A boca dela se abriu e ela começou a saltitar com os pés no chão.

— Que diabos você está fazendo? — Ele quis saber.

— Tentando matar a tarântula gigante, porque o único motivo que faria você me *sacudir* pelos ombros é ter visto uma aranha imensa e peluda perto do meu pescoço.

— Na verdade eu tentei sacudir o peso nos seus ombros. Deve ser difícil carregá-lo.

Ela se afastou dele antes que fizesse algo violento e olhou para o AutoChef.

— Como você programa esse troço para ele me preparar uma xícara de “vai se foder”?

— Crianças! — disse Summerset da porta do quarto.

Os dois giraram o corpo e rosnaram ao mesmo tempo:

— *Que foi?*

— Sinto muito por interromper sua diversão, e devo sugerir que da próxima vez que vocês quiserem se comportar como dois idiotas, fechem a porta, porque dava para ouvir suas picuinhas e provocações do corredor. Vim avisar que os detetives Peabody e McNab estão lá embaixo. Ela me pareceu muito aflita e disse que precisa falar com você, tenente. Com urgência.

— Merda! — Eve correu até o closet para pegar sapatos enquanto relembrava o caso que tinham acabado de encerrar. Será que elas haviam esquecido alguma coisa?

— Eles estão esperando na sala. A propósito, Judith e Oliver ofereceram suas despedidas e esperam encontrá-la novamente quando você tiver mais tempo.

Ela percebeu o olhar frio de Summerset antes de ele desaparecer de cena e pensou que mais tarde provavelmente se sentiria como dois cagalhões empilhados. Mas pensaria nisso depois.

— Você não precisa descer — disse ela a Roarke, com rispidez.
— Consigo lidar com isso.

— Daqui a pouco eu vou fazer mais do que sacudir você pelos ombros. — E saiu do quarto na frente dela.

Eles mantiveram o silêncio por todo o caminho até a sala de estar, com suas cores fortes e antiguidades cintilantes. Em meio às obras de arte e ao brilho dos cristais, Peabody estava sentada, branca como uma folha de papel, com o braço de McNab em volta dos ombros.

— Dallas! — Peabody se levantou.

— Que diabos, Peabody, o que aconteceu? Aqueles três idiotas já executaram uma fuga espetacular da cadeia?

Em vez de sorrir, Peabody estremeceu.

— Bem que queria que fosse simples assim.

Quando Peabody afundou novamente no sofá, Eve atravessou a sala e se sentou na mesinha de centro para ficar cara a cara com ela.

— Você está em apuros?

— Agora não. Mas estive. Precisei vir aqui para te contar. Eu não tenho certeza do que fazer.

— Sobre o quê?

— Conte tudo desde o começo — sugeriu McNab. — Assim você não vai pular nenhum detalhe. Basta começar do início.

— Sim, ok. Eu... ahn... ok. Depois que terminei de cuidar da papelada, decidi malhar durante uma hora na academia e trabalhar minhas habilidades de luta. Você disse que esse era o meu ponto fraco. Fui para a academia do segundo andar.